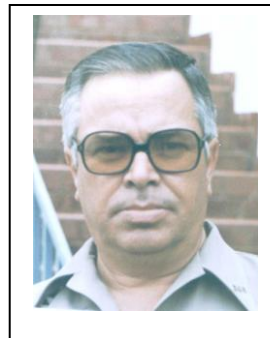


FHE **POUPEX**

Raízes da histórica cooperação entre os Ministérios do Exército e dos Transportes



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo do autor no jornal Letras em Marcha, para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB em Livros e Plaquetas no sites da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa do acervo da FAHIMTB, doado a AMAN pel Boletim Especial oo2 de 17 de novembro de 2014, para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército

Raízes da histórica cooperação entre os Ministérios do Exército e dos Transportes

(Artigo no Jornal Letras em Marcha 1973)

Maj. Claudio Moreira Benta

Cooperação Exército-Visconde de Mauá

O Marquês de Caxias ao assumir o comando do Exército Brasileiro em Operações na Guerra da Tríplice Aliança 1805-1870, após o desastre de Curupaiti, viu-se em grande dificuldade para alimentar o Exército até então acostumado com churrasco e a partir de certa época complementando com farinha de mandioca (Farinha de Guerra)..

Recorreu ao Visconde de Rio Branco e este, por sua vez, a Mauá, o qual, imediatamente, providenciou em Montevideú, a remessa para Caxias no Teatro de Operações do Paraguai de 900.000 rações de companhia.

A alimentação da tropa brasileira durante a Guerra do Paraguai foi assim traduzida por um soldado baiano segundo Dionízio Cerqueira em sua obra **Reminiscências da Guerra do Paraguai**

“Osório deu churrasco

E o (general) Polidoro farinha

O Marques (de Caxias) nos deu jabá

E, sua Alteza (o Conde D’Eu) sardinha”

Mauá, a partir de 1867, cooperou com seus barcos na enorme linha de suprimento ao Exército Brasileiro em Operações no Paraguai, com início no Rio de Janeiro. Por esta época o Arsenal de Guerra do Exército no Rio sofreu um acidente que inutilizou temporariamente todas as suas oficinas. Mauá prontamente achou remédio.

Colocou à disposição do Exército suas enormes oficinas na Ponta D’Areia em Niterói, próximo do local, onde, em data recente, o Exército prestou ao Ministério dos Transportes, colaboração de grande especialização e responsabilidade, através de sua Diretoria de Serviço Geográfico, na locação dos pilares e encontros na monumental Ponte Rio-Niterói.

A ligação com o Exército por parte do Visconde de Mauá pioneiro em empreendimentos de transportes do Brasil e patrono do Ministério dos Transportes, segundo o Capitão de Paranhos Antunes, **“foi efetiva, duradoura e cordial e as Forças Armadas sempre viram nele um homem ativo, patriota, trabalhador, dinâmico, progressista e inteligente cooperando com o seu empreendimento para o engrandecimento do Brasil”**.

Esta admiração pode ser traduzida na prática, pelo fato de o Exército ter dado a denominação histórica de Visconde de Mauá ao 2º Batalhão Ferroviário, sediado em Aguarari – MG, atualmete empenhado na integração ferroviária de Brasília, no restante do Brasil, após cumprir destacado papel em Rio Negro – SC na construção do Trono Sul.

Desde muitos anos o Exército vem cooperando com o Ministério dos Transportes, através, principalmente, de suas unidades e comissões de construções de rodoviás e ferrovias, espalhadas por todos os rincões e soledades

de nosso imenso território, sob a coordenação da Diretoria de Obras de Cooperação, subordinada ao Departamento de Engenharia e Comunicações do Exército.

É uma forma i do Exército preparar-se com mais inteligência e economia para o desempenho de sua missão de proporcionar Segurança, através de um realístico adestramento militar de suas tropas especializadas e ao mesmo tempo cooperarem com o Desenvolvimento e Integração do Brasil.

As raízes históricas dessa tradicional cooperação encontram-se na estreita e espontânea cooperação do Visconde de Mauá, atual Patrono dos Transportes, com o Exército, ao tempo em que foi considerado **“o Caxias da unidade econômica”**. Ou , por outro lado, na época do Segundo Império, na qual, segundo terminologia atual, Caxias sintetizou a Segurança e Mauá o Desenvolvimento, sustentáculos do Império Brasileiro sob a égide de D. Pedro II.

No período 1852-1854, o Exército prestou decisiva colaboração a Mauá na construção da primeira ferrovia brasileira, ligando o Porto de Mauá, no fundo da Baía de Guanabara, à localidade de Fragoso, situada na raiz da Serra de Petrópolis, numa extensão de 14,5 Km e inaugurada por D. Pedro II, a 30 de abril de 1854.

Cooperação, seja pelo empréstimo de alguns quilômetros de trilhos pertencentes a Fabrica Estrela, seja através de concessões de terrenos da referida, e finalmente pela passagem à disposição de Mauá, pelo período de três anos, do Major Engenheiro Amaro Emílio da Veiga, do Imperial Corpo de Engenheiros do Exército, para trabalhos de construção de ferrovia e rodovia Mauá-Petrópolis e da grande ponte sobre o Paraíba.